

história ou pela evolução, é comum e exclusivo para as criaturas que reconhecemos como humanas. A natureza humana, se é apropriado falar em tal coisa, não está fixada: mudou no passado e poderia mudar de novo. A sua continuidade com a natureza de outros animais é parte de sua fluidez. Somos semelhantes a outras vidas. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2007, p. 156).

Assim, encerro esta resenha. Pelo exposto, os questionamentos, em parte são elucidados, em parte, se ampliam e se complicam. Tais circunstâncias talvez marquem qualidades nossas enquanto somos humanos: somos seres enredados, porque temos desejos, ansiamos por projetos, assuntamos passados, conjecturamos futuros. Fazemos perguntas. Saímos a andar pelo mundo em busca de respostas. Andamos e andamos. Ao retornarmos, com possíveis respostas, as perguntas já haviam mudado. Nada disso! No entanto, e cada vez mais provocando a tal “resistência rancorosa” que os acadêmicos nos fazem, enquanto humanos, superiores às outras espécies e nem tão pouco somos a finalidade suprema da vida.

Como já bem demonstrou Robert Foley,² nós, humanos, somos apenas mais uma espécie única dentre as todas viventes.

Notas

¹ “Quase humanos” – artigo de Mary Roach, National Geographic Brasil, abr. 2008, p. 112-133.

² FOLEY, Robert. *Apenas mais uma espécie única: padrões da ecologia evolutiva humana*. São Paulo: Edusp, 1993.

Resenha recebida em agosto de 2007. Aprovada em outubro de 2007.

Vamos ao outro livro!

Na capa, destacado em perfil, é-nos mostrado um primata que lembra a clássica posição de um pensador. O texto recebe como título uma pergunta relacionada ao que podemos pensar sobre nossa condição humana. Para responde-la, o autor que é Doutor em História pela Universidade de Oxford, se utiliza, entre outros, de aportes oriundos da Genética, da Biologia, da Robótica, da Antropologia, da História. Segundo Fernández-Armesto, a humanidade está em risco. Não apenas pelas ameaças concretas de destruição em massa e de devastação ecológica; o perigo também se origina da circunstância crucial de não se ter claro ainda, em termos teóricos e culturais, o que vem a ser essa humanidade.

O desafio diante desse perigo, visando a um clareamento conceitual, segundo o autor, é instigado por seis fontes principais: 1) a *primatologia*, que vem nos mostrando o quanto somos semelhantes aos outros primatas; 2) *o movimento pelos direitos dos animais*, nos desafiando a trata-los com certos privilégios antes somente concedidos a nós, animais humanos; 3) a *paleoantropologia*, que nos envia cada vez mais a um remoto passado onde não é possível distinguir humanos de outros seres hominídeos; 4) a *Biologia*, que tem desequilibrado a questão filosófica relacionada à nossa conveniente categorização das espécies em criaturas classificadas em tipos naturais, por um lado, ou, por outro, em meras categorias ou conjuntos tipológicos; 5) *os resultados das pesquisas sobre inteligência artificial*, suscitando um novo debate filosófico sobre conceitos até agora considerados exclusivos dos humanos, tais como: inteligência, consciência, moral, etc.; 6) a *Genética*, que tem comprovado a inexistência de raças e a grande proximidade com nossos parentes primatas mais próximos.

Esses, sinteticamente apresentados, são os temas que Fernández-Armesto trabalha em sua *breve história da humanidade*. A leitura exige constante atenção do leitor devido às variadas informações que o autor compara e articula. É um livro incômodo e provocador. Traz várias ilustrações oriundas de fontes primárias pesquisadas por ele. Acompanha uma boa seleção bibliográfica de leituras complementares.

No último capítulo: “Futuros pós-humanos”, tentando uma possível elucidação da pergunta (título do livro), conclui o autor:

Ainda não há nenhum acordo sobre o que é a “natureza humana” – aquilo que, além das características triviais e temporais de nossas fisiologias ou de nossas culturas que foram por acaso construídas pela

comentários aqui. Por terem sido lançados bem próximos e por tratarem de temática semelhante é que resolvi expô-los conjuntamente e de forma sintetizada.

Eu, primata, é o livro de De Waal. O autor, renomado biólogo e primatólogo, há anos vem estudando estratégias de resolução de conflitos e inteligência social entre primatas. O livro tem um título provocativo. Como pode *Eu* – que, a princípio, aponta para indivíduo, pessoa, sujeito, em termos humanos – remeter a ancestral condição de primata. A elucidação dessa afirmação vem do próprio subtítulo do livro: *por que somos o que somos*, enquanto humanos. “Mas temos em comum com eles [primatas] não apenas poder e sexo. Solidariedade e empatia são igualmente importantes, porém é raro vê-las mencionadas como parte de nossa herança biológica.” (DE WAAL, 2007, p. 11).

É sobre este *ter em comum*, que trata o livro. O universo empírico, base das afirmações do autor, advém de suas extensas pesquisas com nossos parentes mais próximos: os chimpanzés e os bonobos. Pesquisados em cativeiro – zoológicos ou instituições – ou livres nos seus ambientes naturais. Os capítulos abordam assuntos tais como família antropóide, poder, sexo, violência, bondade. No último capítulo: “O primata bipolar – em busca do equilíbrio”, o autor compara e considera, finalizando, o que temos em comum com nossos primos primatas.

A natureza humana também é inerentemente multidimensional, e o mesmo se pode dizer da natureza dos chimpanzés e da dos bonobos. [...]. Nós, humanos mais sistematicamente brutais do que os chimpanzés e mais empáticos do que os bonobos, somos, de longe, os mais bipolares dos grandes primatas. [...]. A natureza não costuma apresentar estados puros. O que vale para a sociedade humana também vale para a natureza humana. (DE WAAL, 2007, p. 272).

Permeando todo o livro, De Waal também aborda, entre outros temas, a inteligência, linguagem corporal, linguagem articulada, os sentimentos e a cultura sempre tendo como foco estabelecer relações entre a vida social dos chimpanzés, dos bonobos e dos humanos. Trata-se de um texto de agradável leitura, ilustrado com sugestivas fotografias e complementado com atualizada bibliografia. A capa, por si, é bem-intrigante. Apresenta a foto de um humano masculino, sobre as páginas de um caderno, superposta entre a testa e o nariz de uma foto da face de um primata, destacando seus olhos.

*Você tem certeza que sabe o
que é (o) ser humano?*

José Alberione dos Reis*

De Waal, Franz
Eu, primata: porque somos como somos.
São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Fernández-Armesto, Felipe
Então você pensa que é humano?: uma breve história da humanidade.
São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Começar uma resenha ainda com uma pergunta desse teor em pleno século XXI? Parece desfaçatez. Assumo. Afinal, já resolvemos todos os problemas relacionados com a canalhice chamada raça e de racismos, com as preeminências ditas étnicas e com a suposta superioridade dos humanos na história evolutiva da vida? Não! Pelo contrário, tudo isso continua academicamente emaranhado. Vai além! Provoca uma “resistência rancorosa”, conforme o que foi recentemente publicado na revista *National Geographic*.¹ O que é ser humano? O que é o ser humano? São velhas perguntas que nos assombram. Vem facilitando as mais variadas construções teóricas de cunho ideológico e ação política na vida social. Essas fundamentais questões vêm direcionando os já poucos dez anos de trabalho que exerço como professor de História da Hominização. Às vezes, como já tem acontecido nesse passar do tempo, boas surpresas ocorrem. Nesse sentido, no fim do ano passado, dois bons livros foram editados. Vieram ajudar e dar um alento em relação a essa problemática de nossa dita condição humana. É sobre eles que vou tecer alguns

* Professor e pesquisador no Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e no Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (LEPARQ/UCS); Doutor em História pela Unicamp. *E-mail: tocchett.voy@terra.com.br*



Resenhas

MÉTIS: história & cultura